

| Poemas

ARS AEMULATORIA

(Fragmento)

Por Erico Nogueira

“Que piano pesado”, pensei, quando li
que na entranha um tumor (de tão cego um glaucoma)
corroía a rainha, fundida em Enéias.
Acenderam a lâmpada, então, da manhã,
e os vapores noturnos lá fora cederam; 5
mas cá dentro (a rainha pra irmã) “Já enlouqueço;
sei que é sonho o que sonho – e não durmo, vigio;
desde que ele chegou, foi entrando, mostrou
quem e qual ele fosse, que braço, que face,
pareceu-me, no sangue, no traje, um olímpico; 10
há metais e metais: ele é a liga mais dura
trabalhada no mar que marulha e martela;
ah, não ter prometido o que já prometi
– se viúva, passar quanto viva na tumba,
e, morrendo, no leito, ser noiva de novo –, 15
e agarrava, qual ímã, essa liga tão rara;
minha irmã, te confesso: depois que um irmão
abateu outro irmão, meu esposo, e seu sangue
inda corre, inda cheira, inda mancha esta casa,
só Enéias tocou minha corda mais funda: 20

– mas não; não sei que digo; ou sei: que a terra se abra e
me trague, ou bem relâmpagos me desintegrem,
e eu desça ao Érebo, à perpétua treva, se eu,
vergonha!, violar os votos que votei;
até que chegue o dia da última viagem’. 25

E a irmã: ‘Rainha e irmã, meu sol e meu espelho,
a flor sem néctar, nem zangão, nem fruto: só,
é horrenda aberração ao deus, é feio aborto,
e às sombras do que foi – vê bem –, indiferente;
ninguém, até então, fechou-te a cicatriz, 30
nenhum dos generais, nem grego ou africano:
mas contra quem te cura, contra ti, lutar
por quê? não te dás conta, irmã, que terra é essa?
desertos vêm-se ao sul, e a leste e a oeste vêm-se
gente que bebe e nada em sangue – se é que é gente; 35
os deuses, foram eles, sim, soprando a brisa,
que as naus de Tróia, d’além-mar, trouxeram cá;
darás à luz, irmã, e ao mundo, um novo mundo
se a mão de Enéias te colher: e um mundo teu;
então implora, pede, sacrifica, faz, 40
e, maquiada e bela, enteia os convidados,
enquanto o inverno acossa o mar, e chove pedra
no mar cuja fundura vês, e mais ninguém’.

A rainha escutou: sem temor, sem melindre,
assoprou sua brasa, assoprou, fê-la fogo; 45
foram despoluir-se, primeiro, as irmãs,
e, depois, vinho e sangue verteram aos deuses;
(leio “Dido pulquérria, tensa, tremendo,
consulta as vísceras pulsáteis que oferece”
e penso que esse verso bem agrade a um açougueiro 50

e há um verso de Virgílio para cada qual);
sacerdotes estúpidos: ai, de que adiantam
promessas, templos, ritos a quem desvaria?
enfiada na medula ãa agulha incandescente
palpita em Dido como a lava num vulcão; 55
infeliz, delirando, ela vaga, ela erra,
ela foge co ferro fatal no seu flanco,
como a corça, de longe, no bosque cerrado,
distráida trespassa da frecha o pastor;
agora abre os portões a Enéias, vai com ele, 60
e ostenta quanta glória esplenda em ouro puro;
agora solta a língua, agora cala, agora,
o sol cansado e fosco, inventa outra audiência,
e, louca, diz “Conta de novo os teus trabalhos”,
e Enéias os dramatiza, dá-lhes som, ação; 65
depois que se despedem, e a escura luz da lua
tomba do céu, e as pálpebras, pesadas, tombam,
só Dido rola só nos seus tapetes persas,
e estando, escuta e vê quem lá já não está,
e já pensa num filho, e o já pega no colo, 70
e o amor que a desengana mal tenta enganar;
“as torres de defesa estão pela metade,
ninguém se alista, ninguém compra a minha guerra;
os muros meio-erguidos, toda a obra ao meio,
e andaimes que eu pensava fossem dar no céu”. 75

Foi quando Juno a viu, e a peste que a roía:
e, ainda que de peste um deus jamais se aflija,
seu busto, duro pórfiro, (acho) amoleceu;
‘Cupido e tu’, falou a Vênus, ‘bravo, bravo;
dois imortais, vencendo a carne mole e estúpida 80
– mesmo real –, merecem, certo, o nosso aplauso;

de Cartago a rainha é mais bela que tu?
por quanto tempo mais? (que é o tempo para um deus?)
ela surta, desmaia, até baba por ele;
que tome, pois, a sua mão, e, como o Nilo, 85
fecunde-a, irrigue-a, sob o sol que o chicoteia;
não fôssemos assim, entre ônix e esmeralda,
modelo inexeqüível do mortal cinzel,
teu sangue a minha, o meu lavava a tua mão;
dá-me-la cá; fechado?'; nem tola nem nada 90
a rainha do Olimpo, a quem Vênus, de tola,
ela sim, se fazendo, acedeu: 'Que demente
quereria fechada a mão que vejo aberta?
a sorte, o labirinto, espero tenha um fio
como este que predizes: dois num corpo só; 95
vai, agora escancara o teatro do mundo,
e scrutemos, de Enéias e Dido, o papel';
ao que Juno: 'Espiar quais enredos, que tramas,
que finíssimos fios dos bonecos mortais
movimentam cabeças e membros e artelhos, 100
só pode um deus, não nós, que ainda não tem nome;
nós sopramos, tentamos, tocamos o corpo,
só senhores dos mil elementos e humores;

amanhã, cortejados por cães e criados,
Enéias e a rainha vão caçar, tão logo 105
o breu, já meio azul, a luz dissolva em dia;
trombeta, lança, rede, presa, e muito vinho,
e trombeta de novo, e de repente nuvem,
tão túmida e tão cheia que um trovão lacera,
já vomitando água e gelo e densa noite, 110
e cada um por si, e dois, como mercúrio,
não mais que de repente, então, no mesmo espaço,

e o mesmo fogo, o claro-escuro, e o ato, enfim,
consumando o himeneu, o desejo, o destino’;
Vênus sorriu como cristal gelado: – tlim... 115

E lançaram do escuro o tal disco solar,
e cavalos e galgos e afiada equipagem
e escudeiros e pajens e todos os príncipes
esperavam surgir, circundada de damas,
no cabelo mais ouro que os fios do cabelo, 120

combinando com a capa o seu lábio de púrpura,
de um sorriso mais claro que o sol, a rainha;
ela surge, um sonoro “oh!” propaga, qual onda,
qual onda que quebrasse dá de encontro a Enéias
que ao vê-la agora espuma curva-se e, do chão, 125

apanha os louros que a maré deixou na praia;
no alto da escarpa chegam antes os troianos,
antes de todos chega Enéias, cujos cachos,
nadando, então, no vento mole, hipnotizam
o cardume de cores subindo após ele; 130

a caçada começa, começa a emboscada:
são gamos, são bisões, é gente em algazarra,
e em fuga, para ali, acolá, se o céu despenca;
é Dido, e então Enéias, ai, na mesma gruta,
e fogueira que fulge, e granizo que grassa, 135

e o lamento dos coros da terra e do céu;
foi aquele o fatídico início do caos:
quando amor sobrepõe-se ao juízo, à decência,
a despeito do nome – “paixão”, mesmo “amor” –,
malgrado meu, malgrado teu, malogra tudo. 140

Voava, entanto, escuro sob a noite má
abutre ou algo assim, e quanto mais voava

tanto maior (pior) e com menor controle;
em cada pena esconde um olho e orelha e língua;
vai ouvindo e vai vendo e piando no mundo 145
os defeitos de alguém, para um bem mil malfeitos;
“este inverno chuvoso – e, pois, inavegável –
retém nas praias de Cartago um tal Enéias,
capitão de galés, donjuan de rainhas,
entre as quais já se inclui, sim, desgraça, ai, a nossa; 150
esquecidos do mundo e da própria cabeça,
ambos fruem o almíscar dos corpos de ambos,
e se entregam a um luxo que aqui, por decoro,
não se pode dizer sem perder a cabeça;
é troiano o malvado, e, tão logo for rei, 155
marchará contra um rei nosso antigo aliado
tendo a carne de nossos varões por escudo;
que homem, que herói, que deus seria assim cruel?
que mulher cega assim? acudi, acudi”.

ERICO NOGUEIRA (SÃO PAULO) – Poeta, Tradutor e Professor de Línguas e Literaturas Clássicas. Doutorando em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP). Vencedor do *Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura*, Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, categoria Poesia, em 2008. Colunista do site *Terra*. É autor dos seguintes livros: *O livro de Scardanelli* (Poemas, 2008) e *Dois* (Poemas, 2010). Edita o blog: <http://ericonogueira.blogspot.com/>